

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: UMA NARRATIVA SÓCIO-HISTÓRICA DO USO DA LINGUAGEM

Nathalia Viana da Mota¹ (UECE)

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos² (UECE)

DOI 10.26512/discursos.v3i3.2018/12341

Data de submissão: 29 de agosto de 2018

Data de aceite: 10 de novembro de 2018

Resumo: O nosso artigo pretende fazer uma releitura em torno das teorias e das ideias de Saussure, Bloomfield e Chomsky (Formalismo), de Jakobson (Funcionalismo), de Halliday (LSF) e de Fairclough (ADC) a fim de analisar as diferentes posturas e nuances dos estudos e do uso da linguagem e, conseqüentemente, dos falantes/sujeitos, na visão desses expoentes. No primeiro momento, faremos um traçado comparativo entre as correntes formalista e funcionalista; na sequência, focaremos nosso olhar na Linguística Sistemico-Funcional (LSF); por fim, chegaremos ao nosso destino, o qual terá um valor mais expressivo para o nosso trabalho: Análise de Discurso Crítica (ADC). Como resultado, após passarmos pelo século XX e chegarmos ao século XXI (modernidade tardia ou novo capitalismo), essa narrativa caminhará para uma verborragia necessária e urgente, visto que não se pode mais pensar em linguagem como um fenômeno isolado do seu sujeito, de sua sociedade e de sua história: linguagem é ação, é libertação, é transformação, é empoderamento, é prática política e social.

Palavras-chave: Discurso. Linguagem. Formalismo. Funcionalismo.

Abstract: Our paper intends to re-read the theories and ideas of Saussure, Bloomfield and Chomsky (Formalism), Jakobson (Functionalism), Halliday (LSF) and Fairclough (ADC) in order to analyze the different postures and nuances of the studies and use of the language, and consequently of the speakers / subjects, by these exponents. In the first moment, we will make a comparative tracing between the formalist and functionalist currents; in the sequence, we will focus our attention to the Systemic-Functional Linguistics (LSF); finally, we will reach our destination, which will have a more expressive value for our work: Critical Discourse Analysis (ADC). As a result, after going through the twentieth century and reaching the twenty-first century (late modernity or new capitalism), this narrative will move to a necessary and urgent verbiage, since we can no longer think of language as a phenomenon isolated from its subject, its society and its history: language is action; it is liberation; it is transformation; it is empowerment; it is political and social practice.

Keywords: Discourse. Language. Formalism. Functionalism.

Resumen: Nuestro artículo pretende hacer una relectura en torno a las teorías e ideas de Saussure, Bloomfield y Chomsky (Formalismo), Jakobson (Funcionalismo), Halliday (LSF) y Fairclough (ADC) para analizar las diferentes posturas y matices de los estudios y el uso del lenguaje, y conseqüentemente de los hablantes / sujetos, por estos exponentes. En el primer momento, haremos un trazado comparativo entre las corrientes formalista y funcionalistas; en la secuencia, enfocaremos nuestra mirada en la Lingüística Sistemico-Funcional (LSF); por fin, llegaremos a nuestro destino, el cual tendrá un valor más expresivo para nuestro trabajo: Análisis de Discurso Crítico (ADC). Como resultado, después de pasear por el siglo XX y llegar al siglo XXI (modernidad tardía o nuevo capitalismo), esa narrativa caminará hacia una verborragia necesaria y urgente, ya que ya no se puede pensar en lenguaje como un fenómeno aislado de su sujeto, sociedad y de su historia: el lenguaje es acción; es liberación; es transformación; es empoderamiento; es práctica política y social.

Palabras clave: Discurso. Lenguaje. Formalismo. Funcionalismo.

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pelo PosLA; Graduada em Letras pela UFC; vinculada ao LINC e ao GEPPIL. Desenvolve pesquisas acadêmicas em Teoria da (Im)Polidez e em Dialogismo.

² Pós-Doutora, Doutora e Mestre em Linguística pela UFC; Professora Adjunta do PosLA; Vice-líder do GELP-COLIN; Coordenadora do LINC. Contribui no GEPPIL, desenvolve pesquisas em Cognição, Análise do Discurso, Análise da Conversação e Pragmática – atos de fala, (im)polidez linguística, etc.

Introdução

Uma nova configuração aos estudos linguísticos, levando em conta não só nossa responsabilidade como linguistas diante da relevância social do nosso trabalho, como também as relações entre linguagem e sociedade além de mostrar possibilidades de um estudo científico sobre a lingua(gem) solta das amarras sistêmico-imanentes. O que queremos é reforçar [...] [que] a prática científica só [pode] ter o direito de existir a partir de sua intervenção na sociedade. (FERREIRA, 2017, p. 31).

Foi por volta do século IV a.C. que o fenômeno da linguagem humana começou a ser investigado, na Índia e na Grécia. Os primeiros estudos se deram com os gramáticos hindus, entre eles, Panini. Motivações religiosas levaram os hindus a descrever, minuciosamente, sua língua, para que os textos sagrados do Veda não sofressem alterações ao serem proferidos. Os gregos preocuparam-se, principalmente, em responder à pergunta: qual a relação entre palavra e seu conceito? Platão, ao escrever o *Crátilo*, diálogo entre Crátilo e Hermógenes, intermediado por Sócrates, a respeito da “verdade dos nomes”, profetiza os conceitos de “iconicidade/motivação” e de “arbitrariedade” dos signos linguísticos, que seriam desenvolvidos na primeira metade do século XX por Ferdinand de Saussure.

Porém, a questão da linguagem não poderia ficar reduzida apenas ao nível das descrições e das abstrações. Ela é matéria do pensamento, é veículo da comunicação, é prática social. Tudo o que se produz como linguagem, seja ela verbal, visual ou verbo-visual, ocorre em um contexto histórico, político e social, situado no espaço-tempo, para ser comunicado. Essa comunicação, que se dá pelas mais diferentes formas de sentidos e de semioses, necessita da interação do EU com o OUTRO, de forma dialética e dialógica. É nessa interação verbal entre os sujeitos que a linguagem se faz concreta, faz-se real, faz-se viva. É nesse momento que acontecem as conversas e os diálogos nos seus sentidos mais amplos; é nesse momento que começamos “jogos de faces”, o “embate de vozes”, as consonâncias, as dissonâncias, as ideologias e as relações de poder, que orbitam e atravessam todo o processo comunicativo e que o tornam tão complexo e fascinante,

Ressaltamos que foi a partir do século XX, com o nascimento da ciência da linguagem, a Linguística, que esse assunto ganhou destaque, seguindo até o nosso século de forma mais fervorosa, disputada, concreta e crítica. Os principais acontecimentos desse processo evolutivo são o Formalismo, o Funcionalismo, a Reviravolta Linguístico-Pragmática, a Análise da Conversação (AC), a Análise Dialógica do Discurso (ADD), a Análise de Discurso francesa (AD), a Linguística Crítica (LC), a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a Análise de Discurso Crítica

(ADC), entre outros. Para o desenvolvimento da nossa abordagem, reflexiva e crítica, elegemos o Formalismo, o Funcionalismo, a Linguística Sistêmico funcional (LSF) e a Análise de Discurso Crítica (ADC).

Formalismo e Funcionalismo: o paradigma dos estudos acrítricos da linguagem

O elemento que torna a forma linguística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a decodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra em seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo. (BAKHTIN, 2014, p. 97)

Quando os discípulos do suíço Ferdinand de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, publicaram, em 1916, a obra póstuma de seu mestre, *Curso de Linguística Geral*, as ciências humanas não foram mais as mesmas. A obra fincou as bases de uma ciência da linguagem ao definir seu objeto de estudo – a língua (*langue*) – e ao delimitar seu modo de pesquisa – o sincrônico –; ao mesmo tempo que introduziu o Estruturalismo linguístico, ao tratar e ao usar a língua (como estrutura). Ou seja, nesse momento, acontece um rompimento com o sujeito, com sua fala (*parole*), com sua cultura e com sua história (diacronia), atestando que os estudos linguísticos estavam interessados, apenas, na língua como um sistema de signos constituídos por significantes e significados, organizados em unidades que se relacionam linearmente dentro de um todo. Nem os contextos, nem os discursos, nem as ideologias terão importância.

Apesar de a palavra “estrutura” não ser usada explicitamente no *Curso de Linguística Geral*, a noção de sistema é amplamente usada com o mesmo significado quando Saussure define língua como “um sistema cujos termos são todos solidários e em que o valor de um resulta, senão, da presença simultânea dos outros” (SAUSSURE, 1973, p. 133). Com essa explicação de sistema, o estruturalista estabelece dois níveis de estudo da linguagem: um, que é essencial e social, a *langue*, e o outro, que é secundário e individual, a *parole*. A partir desses princípios, *langue* e *parole*, desenvolvem-se os demais conceitos saussurianos que servirão de base para os estudos, linguísticos e extralinguísticos, de todos os tempos: significante e

significado, sintagma e paradigma, sincronia e diacronia, arbitrariedade e iconicidade/motivação.

Diante de tudo o que foi exposto, não podemos negar a importância e a grande contribuição de Saussure para os estudos da linguagem, bem como para as ciências humanas, pois suas ideias fizeram e ainda fazem parte das mais calorosas discussões científicas e acadêmicas: uns as defendem, outros lhes fazem objeções, mas todos as utilizam como parâmetro de comparação.

Outro representante do Estruturalismo linguístico é o norte-americano Leonard Bloomfield. Com a publicação, em 1933, do livro *Linguagem*, o linguista apresentou sua teoria distribucionalista dos estudos da linguagem. Essa teoria tem como objetivo a elaboração de um sistema de conceitos aplicáveis à descrição sincrônica de qualquer língua. Para tanto, o autor destaca alguns pressupostos, entre os quais:

- Cada língua apresenta uma estrutura específica.
- Essa estrutura é formada pelos níveis fonológico, morfológico e sintático.
- Cada nível é constituído por unidades do nível imediatamente inferior.
- Na descrição da língua se exclui a Semântica.

Desse modo, Bloomfield assume uma postura mecanicista, puramente formal, ao analisar e descrever a língua excluindo o significado e, conseqüentemente, o paradigma, opondo-se ao ponto de vista de Saussure, mais mentalista. Tal postura mecanicista é embasada na psicologia behaviorista de Skinner (estímulo/resposta), em que, na aquisição e no desenvolvimento da linguagem, um indivíduo aprende a expressar uma palavra verbalmente por incentivos, reforçados na presença da imagem concreta do que foi proferido e que será repetido pelos outros indivíduos dessa mesma comunidade. Mais uma vez, observamos a inexistência de uma preocupação com os sujeitos (usuários da *parole*) e com suas identidades e axiomas; com os discursos como construção de sentidos; com as relações sociais.

Concluindo a explanação sobre as correntes formalistas, falaremos agora do linguista e ativista político norte-americano Noam Chomsky, idealizador do Gerativismo. Com a publicação, em 1957, do livro *Estruturas Sintáticas*, deu início à linguística gerativa e à defesa de uma Gramática Universal (GU) e da teoria dos “princípios e parâmetros”. A GU surge da “ideia da competência linguística como um sistema de regras específicas (...). Deve-se entender por GU o conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU” (MARTELOTTA, 2016, p.135).

A teoria dos “princípios e parâmetros” surgiu para descrever a natureza e o funcionamento da GU. Essa teoria foi e é desenvolvida principalmente na Sintaxe, pois é justamente nesta área que se evidenciam as grandes aproximações entre as línguas existentes no mundo, mesmo entre aquelas em que o grau de parentesco é zero.

A princípio, a corrente gerativista surgiu como uma espécie de resposta e rejeição ao modelo behaviorista de aquisição e de desenvolvimento da linguagem humana, proposta por Skinner em seu livro *Comportamento Verbal*. Para Chomsky, a criatividade é a principal característica da linguagem humana; a todo instante, os seres humanos produzem frases novas e inéditas, ou seja, jamais ditas antes pelo próprio falante que as produziu ou por qualquer outro falante. Essa característica (a criatividade), além de contrapor a teoria comportamentalista do “estímulo/resposta”, marca a principal diferença entre a linguagem humana e a comunicação animal (que não é o nosso foco de reflexão).

Com suas ideias, o linguista ressuscita a teoria racionalista, em oposição ao empirismo das correntes estruturalistas europeia e norte-americana, e defende a tese do inatismo linguístico. Ou seja, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem humana se dá devido a uma capacidade genética, portanto, individual e biológica do cérebro/mente. Essa capacidade inata para a competência linguística é que ficou conhecida como “faculdade da linguagem”, que é

o dispositivo inato, presente em todos os seres humanos como herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema gerativo, um conjunto de instruções passo a passo – como as inscritas num programa de computador – o qual nos torna aptos para desenvolver (ou adquirir) a gramática de uma língua. Esse algoritmo é a GU”. (MARTELOTTA, 2016, p.135).

Comparando o Estruturalismo europeu com o Gerativismo, podemos perceber que, enquanto, para Saussure, a linguagem é um fenômeno social da *langue* (*langue* e *parole*), para Chomsky, a linguagem é um fenômeno racional e inato da “competência” (competência/desempenho); Saussure prioriza o estudo da Fonologia e da Morfologia; Chomsky defende a primazia da Sintaxe. Então fica evidente que ambos não reconhecem a necessidade dos fatores extralinguísticos ou pragmáticos nos estudos e uso da língua; estudam a língua de maneira abstrata e idealizada, fora da realidade comunicativa (e discursiva) de seus falantes (sujeitos e atores sociais).

Eis que, para contrapor essas teorias e postulados formalistas, surge uma nova corrente, agora, com uma visão mais funcional, concreta e real do uso da língua, em que se estuda a relação entre as estruturas internas da língua e seus variados contextos comunicativos:

o Funcionalismo. Embora o Funcionalismo seja uma ramificação do Estruturalismo, os funcionalistas entendem a linguagem como um instrumento de interação social, afiliando-se, dessa forma, à tendência de observar a relação dialética existente entre linguagem e sociedade. Nesta perspectiva, o objeto de estudo desses teóricos vai além dos aspectos gramaticais da língua; prioriza todo o contexto comunicativo, tais como os interlocutores, a intenção, a informação, a aceitação, a rejeição, a situação, a intertextualidade, a discursividade.

O Funcionalismo pode ser concebido com base em duas vertentes: a europeia e a americana. Na vertente europeia, temos duas filiações, as quais vamos explorar com mais detalhamento: uma de origem russa, oriunda do Círculo Linguístico de Praga, que tem como principal expoente Roman Jakobson; a outra, de filiação inglesa, nascida na Escola de Londres, que tem, como maior representante, Michael Halliday. Na vertente americana, mais precisamente, a norte-americana, na qual não vamos nos deter, podemos citar, como precursor, o nome de Dwight Bolinger e, como importantes representantes, Penelope Brown, Talmy Givón, Gillian Sankoff, Sandra Thompson e Paul Hopper.

No Funcionalismo do Círculo de Praga, os estudos aprofundados em Fonologia deram origem a três funções para os fonemas, importantes para o começo de uma nova perspectiva nos estudos da linguagem: a distintiva, a demarcadora e a expressiva. A função distintiva define os fonemas como um conjunto de traços ou de feixes distintivos e simultâneos, ou seja, o ponto e o modo de articulação de um fonema e a sua sonoridade ou surdez marcam os traços/feixes. Por exemplo, nos fonemas /p/ de “pata” e /b/ de “bata”, o primeiro é constituído pelos traços/feixes: oclusivo, bilabial e surdo; o segundo, pelos traços/feixes: oclusivo, bilabial e sonoro. A função demarcadora serve para diferenciar uma forma de outra na cadeia da fala. Por exemplo, a acentuação/entonação de palavras escritas iguais (ou prosódia): sábia (adjetivo), sabiá (substantivo) e sabia (verbo). A função expressiva, a que mais se aproxima do uso pragmático da linguagem, indica o estado de espírito dos falantes, suas expressões sentimentais/emocionais, sejam elas positivas, sejam elas negativas, por exemplo, a pronúncia enfática de uma palavra ou de uma frase, com o alongamento de vogais: “Siiaiiiiim” ou ainda “Nããããã”.

Agora, passaremos a explicar, entre outras, uma das principais contribuições desses teóricos para o estudo da língua, com base em uma visão da linguagem que ultrapassa a mera transmissão de informações, associada a comportamentos e a práticas atravessadas pela vida social: aquela das funções da linguagem. Destacaremos dois nomes: o do russo Roman Jakobson e o do inglês Michael Halliday, que desenvolve a Linguística Sistêmico-

Funcional (LSF), principal referência para a Análise de Discurso Crítica (ADC), na constituição de um enquadre analítico eficiente.

Roman Jakobson é responsável pela introdução do conceito de “marcação” na Morfologia, que antes se aplicava na Fonologia; de categorias marcadas [+], categorias não marcadas [-], ou seja, o contraste binário. Também acrescenta mais três funções da linguagem (fática, metalinguística e poética) às outras três (referencial, emotiva e conativa) desenvolvidas pelo psicólogo alemão Karl Bühler, totalizando seis funções para que o ato comunicativo seja completo e eficiente para os interlocutores. Para cada função, existe um elemento constitutivo específico:

- Função Referencial: o contexto.
- Função Emotiva: o remetente/falante.
- Função Conativa: o destinatário/ouvinte.
- Função Fática: o canal de comunicação.
- Função Metalinguística: o código linguístico.
- Função Poética: a mensagem.

As ideias de Jakobson para a introdução a uma nova perspectiva nos estudos e no uso da linguagem são interessantes na medida em que ele, ao categorizar a “seleção” (orientada por metáforas) e a “combinação” (sob a orientação de metonímias) como dois tipos básicos de arranjos utilizados no ato comunicativo, valoriza os sujeitos (falantes/interlocutores) dando-lhes “livre arbítrio” e autonomia na escolha das palavras, dentro de uma frase (discurso), para que elas constituam sentido (ideologia) no processo de comunicação verbal. Além disso, suas teorias “extrapolaram a linguística, refletindo-se nas áreas da poesia e da antropologia” (MARTELOTTA, 2016, p.160), o que nos condiciona a entender Roman Jakobson como um linguista mais funcionalista do que formalista.

Contudo, a consolidação das “funções da linguagem” para uma visão sistêmica e funcional do uso da língua, em que a “linguagem é vista como um sistema aberto a mudanças socialmente orientadas, o que lhe provê capacidade teoricamente ilimitada de construir significados” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 56), ou seja, de orientar estruturas linguísticas por estruturas sociais (e vice-versa) ocorre com Halliday, mentor da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Falaremos dele na próxima seção.

Linguística Sistêmico-Funcional: a gênese dos estudos críticos da linguagem

A relação entre as funções sociais da linguagem e a organização do sistema linguístico é, para Halliday (1973), um traço geral da linguagem humana. Daí a necessidade de se estudar os sistemas internos das línguas naturais sob o foco das funções sociais. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 56-57).

Michael Halliday, com a publicação do livro *An Introduction to Functional Grammar*, em 1985, reeditado depois, nos anos de 1994, 2004 e 2014, apresenta sua teoria da “Gramática” Sistêmico-Funcional ou Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Essa teoria, de acordo com Gomes, em sua tese *Problemas do Consórcio Análise do Discurso Crítica/Realismo Crítico: descrevendo os circuitos e os cursos de ação para uma Análise Sócio-Crítica do Discurso* (2018, p. 42), “concebe a língua tanto como um todo estruturado logicamente quanto como um potencial para a construção de significados procriados em termos de suas funções na sociedade”. Ou seja, por ter uma abordagem funcionalista do uso da linguagem, em que língua/sujeito/sociedade são indissociáveis, em dissonância com as abordagens formalistas de Saussure e de Chomsky, oferece subsídios propícios para se analisar, criticamente, discursos públicos, sobretudo, políticos, e suas repercussões sociais e midiáticas.

Nessa perspectiva, a LSF postula que a língua possui cinco dimensões, ao menos, para a compreensão de seu uso discursivo. Para cada dimensão, há um princípio e um ordenamento respectivo a seguir especificados.

- Dimensão: estrutura, sistema, estratificação, instanciação e metafunção.
- Princípio: ordem *rank*, delicadeza, realização, instanciação e metafunção.
- Ordenamento:
 - o oração /grupo ou frase /palavra /morfema;
 - o gramática /léxico [lexicogramática];
 - o semântica /lexicogramática /fonologia /fonética;
 - o potencial /subpotencial ou tipo de instância /instância;
 - o ideacional [lógica-experencial] /interpessoal /textual.

Para Halliday, a língua é uma semióse social e os sistemas semióticos são, ao mesmo tempo, físicos e biológicos e sociais e semióticos. É nesse contexto que surge o grande *upgrade* que a LSF dá para a constituição de uma linguística crítica e, conseqüentemente, para os estudos e o uso da linguagem diante de um mundo pós-moderno e midiático.

É a partir da quinta dimensão, a metafunção, que Fairclough apoiará sua Teoria Social do Discurso e desenvolverá seu enquadre teórico-metodológica para a análise textual em discursos sociais. Falaremos sobre ela na próxima seção.

Análise de Discurso Crítica (ADC): linguagem e poder

Quando analisamos textos como parte de eventos específicos, estamos fazendo duas coisas interconectadas: a) observando-os em termos de três significados – Ação, Representação e Identificação – e como estes são realizados nos vários aspectos dos textos (seu vocabulário, sua gramática, e outros); b) fazendo uma conexão entre o evento social concreto e práticas sociais mais abstratas ao perguntar que gêneros, discursos e estilos são usados aqui, e como os diferentes gêneros, discursos e estilos se articulam no texto. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 28).

O termo “Análise de Discurso Crítica” (ADC) foi assinalado por Norman Fairclough, linguista britânico, da Universidade de Lancaster, em um artigo publicado no periódico *Journal of pragmatics*, em 1985. Contudo, a ADC se consolidou como disciplina a partir do simpósio ocorrido em 1991, em Amsterdã, com a presença de Norman Fairclough, de Teun van Dijk, de Gunter Kress, de Theo van Leeuwen e de Ruth Wodak.

Embora haja diferentes abordagens de análises críticas da linguagem, a ADC à qual estamos nos dedicando ao longo desta narrativa é a faircloughiana, cuja proposta teórico-metodológica é a Teoria Social do Discurso, que se baseia em uma visão de sociedade constituída na e pela linguagem, e vice-versa, de forma dialógica, dialética e transdisciplinar. Nessa perspectiva, trata-se de uma proposta com largo escopo de aplicação, pois, ao quebrar muros epistemológicos, ela se apropria, contextualiza e transforma outras teorias em favor da abordagem sociodiscursiva. Sendo assim, a ADC faircloughiana operacionaliza conceitos e teorias, cujos desdobramentos vinculam discurso e poder, de teóricos, como Bakhtin e Foucault, por exemplo. Do primeiro, que vê a linguagem como modo de interação e de produção social, Fairclough utilizou conceitos de “gêneros discursivos” e “dialogismo”; do segundo, que enxerga a linguagem como espaço de luta hegemônica, Fairclough importou, entre outros, temas como “a natureza discursiva do poder”, “a natureza política do discurso” e “a natureza discursiva da mudança social”.

Dessa influência, a concepção de discurso na ADC (uso da linguagem como prática social e historicamente situado) assume postura tridimensional (FAIRCLOUGH, 2001, p. 101):

- Texto: gramática, vocabulário, coesão e estrutura textual.
- Prática discursiva: produção/distribuição e consumo de textos, contexto, intertextualidade e coerência.
- Prática social: ideologia e hegemonia.

Porém, para uma melhor e eficaz compreensão da relação linguagem/sociedade, ideologia/poder, Fairclough se apropriou da abordagem funcionalista da língua com base em Michael Halliday, que estuda as dimensões da linguagem em função de seus usos sociais. Dessa forma, a Linguística Sistemico-Funcional (LSF) contribui para uma análise da linguagem para além da descrição formal; para uma análise dos desdobramentos e das consequências das relações ideológicas de poder entre os sujeitos (historicamente situados) e a sociedade em que são inseridos.

Dialogando com a LSF, Fairclough desenvolverá um enquadre teórico-metodológico de análise de textos entendendo que cada texto (discurso) é socialmente orientado na e pela linguagem embasado em três funções sociais do discurso, oriundas da metafunção de Halliday (1991):

- Função ideacional: representação da experiência/realidade na língua.
- Função interpessoal: (inter)ação entre língua e sociedade.
- Função textual: aspectos semânticos e estruturais da língua.

Com base nessas macrofunções de Halliday, que atuam simultaneamente em textos, Fairclough, em *Discurso e Mudança Social* (2001), decompõe a função interpessoal em duas: função identitária e função relacional, totalizando, então, quatro funções sociais do discurso:

- Função ideacional.
- Função identitária.
- Função relacional.
- Função textual.

Essa cisão se justifica pela importância do discurso na construção, na reprodução, na contestação ou na desconstrução de identidades. É pela linguagem que esses discursos identitários, oriundos de relações de poder, que atravessam e são atravessados pelas assimetrias sociais, concedem libertação, opressão, estagnação ou mudança sociopolítica nos sujeitos e usuários da língua.

Ampliando essa frutífera união entre as teorias da ADC e da LSF, Fairclough, em *Analysing Discourse* (2003), propõe uma articulação entre as macrofunções de Halliday e as categorias de “gênero”, “discurso” e “estilo”, para depois substituir as funções da linguagem por três principais tipos de significados:

- Significado acional: (inter)ação entre textos e eventos sociais (aproxima-se da função relacional).
- Significado representacional: (inter)ação entre os aspectos físicos, mentais e sociais nos textos (aproxima-se da função ideacional).
- Significado identificacional: construção/negociação das identidades no discurso (aproxima-se da função identitária).

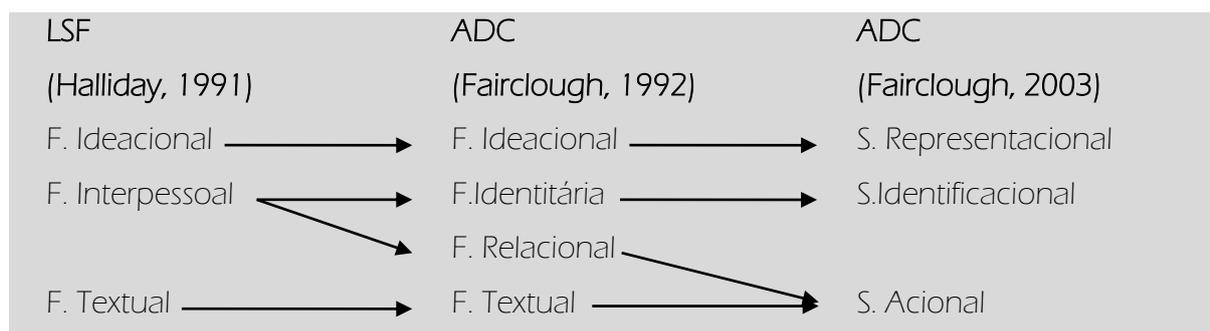
Essa reformulação dos três significados mantém o cunho multifuncional presente na LSF, uma vez que Fairclough ratifica a atuação simultânea dos três em todo o enunciado. No entanto, quanto à função textual, em 2003, ele refuta a ideia de uma função textual separada. Prefere agregá-la ao significado acional: “não distingo uma função ‘textual’ separada, ao contrário, eu a incorporo à ação” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27). O que o linguista quer mostrar com os três significados que operacionalizou é que o discurso atua de três principais maneiras, como parte, constituída e constitutiva, de práticas sociais, na relação entre eventos e textos:

- Modo de representar: construção de representações da realidade por meio de discursos.
- Modo de agir: construção de formas de interação socialmente determinadas por meio de gêneros discursivos.
- Modo de identificar: construção de imagens, de modos de ser, de identidades por meio de estilos.

Dessa maneira, Fairclough assinala uma correspondência entre ação e gêneros, representação e discursos e identificação e estilos. A análise discursiva, então, é o elemento de mediação entre o texto e seu contexto social:

Gêneros, discursos e estilos ligam o texto a outros elementos da esfera social – as relações internas do texto a suas relações externas –, por isso a operacionalização desses conceitos mantém o cerne do pensamento de Halliday (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 61).

Figura 1 - Recontextualização da LSF na ADC



Fonte: RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 61.

Considerações finais

Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado (...). Se o objetivo for construir uma teoria do poder, haverá sempre a necessidade de considerá-lo como algo que surgiu em um determinado ponto, em um determinado momento, de que se deverá fazer a gênese e depois a dedução. Mas o poder na realidade é um feixe aberto, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações, então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações de poder. (FOUCAULT, 2017, p. 369-370).

Queremos concluir este artigo argumentando que as várias mudanças de postura pelas quais os estudos e o uso da linguagem passaram e que, diante de um mundo contemporâneo em crise (política, econômica, social, humana e ética), panorama no qual residem ideias paradoxais, como cientificismo e misticismo, humanismo e barbárie, intelectualismo e anti-intelectualismo, racionalismo e irracionalismo, a Linguística, sobretudo, a ADC, ainda se mostra um campo profícuo, passivo de reconfigurações, de construções e de desconstruções, de aprendizagem e “desaprendisagem”, de transgressões e transformações em seu fazer científico e político.

Nesse contexto, concluímos que, ao estudarmos o uso da linguagem, prática social, inevitavelmente, estudamos a sociedade, os seus sujeitos atores sociais, a sua cultura, a sua ideologia e seus signos linguísticos, que se constituem de forma dialética. Nossas práticas discursivas não são neutras. São responsivas e requerem escolhas ideológicas e políticas, com ou sem intenção, atravessadas por relações de poder que causam consequências e reações diversas no meio social. Na modernidade tardia ou novo capitalismo, a construção dos sentidos relaciona-se à interação entre uma pluralidade de sistemas semióticos, ou seja, linguagem é

ação, é libertação, é transformação, é empoderamento, é prática política e social. Tudo isso só nos fortalece o argumento de que é imprescindível uma análise de discurso crítica, ética, política, intervencionista, interdisciplinar, transdisciplinar e transformadora, para os estudos e uso da linguagem.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*, London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, D. M. M. *Estudos críticos da linguagem*. Curitiba: Appris Editora, 2017.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 6. ed. MACHADO, R. (organização, introdução e revisão técnica). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GOMES, E. P. M. *Problemas do consórcio análise do discurso crítica/realismo crítico: descrevendo os circuitos e os cursos de ação para uma análise sócio-crítica do discurso*. 2018. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

HALLIDAY, M. A. L. *An introduction to functional grammar*. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.